

«PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

# 2. Encontro com Cristo

por Luigi Giussani\*

## O ACONTECIMENTO

Tudo quanto descrevemos como experiência humana é prerrogativa de todos os homens.

O único gênio que captou bem todos esses fatores humanos, que os fez emergir, que revelou o seu sentido definitivo, valorizando-os de maneira não imaginada e imprevisível, foi Jesus Cristo.

O encontro histórico com este homem constitui o encontro com o ponto de vista resolutivo e esclarecedor da experiência humana.

É exatamente esse encontro que queremos fazer outra vez. Examinaremos, para tanto, os primeiros momentos em que o fato emergiu. Eis o seu primeiro relato histórico:

“No dia seguinte, João estava de novo com dois de seus discípulos e, vendo Jesus passar, disse: ‘Eis o Cordeiro de Deus!’ Ouvindo estas palavras, os dois discípulos seguiram Jesus. Voltando-se para eles e vendo que o estavam seguindo, Jesus perguntou: ‘O que estais procurando?’ Eles disseram: ‘Rabi, onde moras?’ Jesus respondeu: ‘Vinde ver’. Foram pois ver onde ele morava e, nesse dia, permaneceram com Ele. Era por volta das quatro da tarde”.<sup>8</sup>

Um deles é o historiador que narra o fato, e que, já com cem anos, recorda perfeitamente o detalhe da hora. Porque aquele fato marcou para ele uma nova vida.

E o relato prossegue com os encontros de Filipe e Natanael. Este último era “o velho” do grupo, astuto em termos de experiência, atento para não se deixar enganar por ninguém. “Vem ver”, dizem-lhe. E é sempre o melhor argumento para persuadir. Jesus vê Natanael, que vem, e lhe diz: “Aí vem um israelita de verdade, um homem sem falsidade”; “De onde me conheces?”, rebate Natanael, como quem não quer deixar-se aliciar. “Antes que Filipe te chamasse, enquanto estavas debaixo da figueira, eu te vi.” E Natanael cede na hora: “Mestre, tu és o Filho de Deus”.<sup>9</sup>

Foi este o momento em que aquele homem começou a sobressair na consideração dos outros.

Os discípulos, depois do primeiro momento de espanto, ficam tão tocados pelo que Ele diz, pela maneira como os olha, que O aceitam imediatamente, ou seja, concedem-Lhe a sua confiança. Justamente o capítulo seguinte do Evangelho conta o milagre das bodas de Caná e termina assim: “Este foi o início dos sinais de Jesus... E seus discípulos creram n’Ele”.<sup>10</sup> Isso demonstra que o acontecimento não ocorreu um percurso muito breve.

Se aqueles discípulos, mesmo tendo-O reconhecido como Messias desde o primeiro encontro, não O tivessem visto mais, teriam se esquecido daquele curioso fato. Ao contrário, reaproximar-se d’Ele era como aprofundar aquela impressão original. E nessa convergência contínua de impressões e de sentimentos eles reforçam o seu credo. Não que antes fossem impostores e não acreditassem; seguiam, ao invés, a lei da consciência humana, que implica essa evolução. »

<sup>8</sup> Jo 1,35 -39.

<sup>9</sup> Cf. Jo 1,45-49.

<sup>10</sup> Jo 2,11.

\* “Passos de experiência cristã”. In *O caminho para a verdade é uma experiência*, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, pp. 113-127.

» E assim, mesmo depois das bodas de Caná, outras vezes o Evangelho registra: “E seus discípulos creram n’Ele”. Realiza-se um aprofundamento que conduz o homem àquele grau de segurança pelo qual a um certo momento é persuadido: ele *tem certeza*.

Procuremos agora identificar os *aspectos da personalidade de Cristo* que se apresentaram e se apresentam como excepcionais, aos seus e aos nossos olhos.

## UMA PRESENÇA EXTRAORDINÁRIA

Em primeiro lugar, Cristo demonstra autoridade e superioridade em todas as ocasiões.

Procuremos imaginar aquelas pessoas que no começo O viam, por semanas a fio, retornar à praia, e que, depois, por três anos consecutivos não continuamente testemunhas de episódios extraordinários.

Até o momento em que alguns abandonaram tudo para segui-Lo, sempre e por toda parte.

Estavam acostumados com os embusteiros, especialmente naqueles anos em que todos esperavam o Messias; e certamente os embusteiros fazem alarde. Mas Jesus sai dos esquemas usuais. Ele não convoca à tomada de armas contra o Império Romano. Espreitá-lo para apará-lo em flagrante será a grande preocupação dos chefes; missão inconsciente de testemunho a nós.

É meio-dia, e Cristo se retira a uma pequena casa para comer, mas o povo se aglomera à entrada. Cristo continua a falar; na primeira fila estão os Fariseus. Trazem-Lhe um homem paraplético há vinte anos e, não conseguindo fazê-lo entrar pela porta, descem-no pelo teto, às costas de Cristo. Ele se volta: “Coragem, filho, os teus pecados estão perdoados!” Os fariseus pensam imediatamente: “Esse homem está blasfemando. Ninguém pode perdoar pecados, a não ser Deus”. Aquele homem desvia seu olhar do pobre doente e, fixando os presentes, diz: “O que é mais fácil, dizer: ‘Os teus pecados estão perdoados’, ou dizer: ‘Levanta-te e anda’? Pois bem, eu te ordeno: levanta-te, pega a tua cama e vai para tua casa”. E aquele homem carrega sua cama sobre os ombros e se vai, sob os bramidos compreensíveis da multidão.<sup>11</sup>

E continuamente, a cada dia, se repetem coisas deste gênero: “Chegou à noite cansado de curar” é um refrão no Evangelho.

## O DOMINADOR DA NATUREZA

Os que O seguem são espectadores de um excepcional domínio da natureza.

“Então Jesus entrou na barca, e seus discípulos o acompanharam. E eis que houve uma grande tempestade no mar, de modo que a barca estava sendo coberta pelas ondas. Jesus, porém, dormia. Os discípulos aproximaram-se e o acordaram, dizendo: ‘Senhor, salva-nos, pois estamos perecendo!’ Jesus respondeu: ‘Por que tendes tanto medo, homens fracos na fé?’ Então, levantando-se, ameaçou os ventos e o mar, e fez-se uma grande calma. Os homens ficaram admirados e diziam: ‘Quem é este homem, que até os ventos e o mar lhe obedecem?’”<sup>12</sup>

## ELE NOS CONHECE E NOS COMPREENDE

Mas o poder mais sugestivo, aquele que fez com que Natanael se rendesse e que toma cada um de nós, é o domínio dos nossos pensamentos e do nosso coração: a compreensão. É uma »

<sup>11</sup> Cf. Mt 9,1-8; Mc 2,1-12.

<sup>12</sup> Mt 8,23-27.

» coisa normal para Ele ler o passado do homem e as suas intenções; por isso, todos entendem que até essa parte secreta da personalidade humana Lhe pertence.

Senta-se, cansado, à beira de um poço, e uma mulher vem tirar água: “Dá-me de beber!”, pede-lhe Jesus, e ela, com o ar desembaraçado e pouco delicado de certas pessoas, zomba dele. “Se tu conhecesses quem é que te pede: ‘Dá-me de beber’, tu mesma lhe pedirias”. “Nem sequer tens balde e o poço é fundo. De onde vais tirar a água viva?”... “Vai chamar teu marido.” “Eu não tenho marido.” “Disseste bem, que não tens marido, pois tiveste cinco maridos, e o que tens agora não é o teu marido.” É vencida.<sup>13</sup>

Quando as pessoas passavam perto de meretrizes e publicanos, era preciso andar dez metros ao largo para não se contaminar e era uma forma bastante inteligente de fazer penetrar nas cabeças duras a lei moral. Mas Ele se comportava de maneira completamente diferente, indo, ao contrário, inclusive comer com eles. “Jesus tinha entrado em Jericó e estava atravessando a cidade. Havia ali um homem chamado Zaqueu, que era chefe dos cobradores de impostos e muito rico. Este procurava ver quem era Jesus, mas não conseguia, por causa da multidão, pois era muito baixo. Então ele correu à frente e subiu numa figueira para ver Jesus, que devia passar por ali. Quando Jesus chegou ao lugar, olhou para cima e disse-lhe: ‘Zaqueu, desce depressa! Hoje eu devo ficar na tua casa’. Ele desceu depressa, e recebeu Jesus com alegria. Ao ver isto, todos começaram a murmurar, dizendo: ‘Ele foi hospedar-se na casa de um pecador!’ Zaqueu ficou de pé e disse ao Senhor: ‘Senhor, eu dou a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei alguém, vou devolver quatro vezes mais’.”<sup>14</sup>

Diante d’Ele, não existem barreiras: Ele penetra sem dificuldade surpreendendo ou antecipando no confuso emaranhado do coração humano. Aquilo que é meu, é como se fosse d’Ele. Não existe nada que abale tanto o homem, abale a ponto de provocar o sentimento de entrega total, quanto ser descoberto e compreendido.

#### O SENHOR DA PALAVRA

Ele demonstrava uma inteligência de uma dialética irresistível. Os Fariseus e os Escribas eram famosos no mundo inteiro por sua dialética; diante d’Ele se tornavam impotentes.

“Os fariseus fizeram um plano para apanhar Jesus em alguma palavra. Então mandaram seus discípulos, junto com alguns do partido de Herodes, para dizer a Jesus: ‘Mestre, sabemos que és verdadeiro e que, de fato, ensinas o caminho de Deus. Não te deixas influenciar pela opinião dos outros, pois não julgas um homem pelas aparências. Dize-nos, pois, o que pensas: é lícito ou não pagar imposto a César?’ Jesus percebeu a maldade deles e disse: ‘Hipócritas! Por que me preparais uma armadilha? Mostrai-me a moeda do imposto!’ Levaram-lhe então a moeda. E Jesus disse: ‘De quem é a figura e a inscrição desta moeda?’ Eles responderam: ‘De César’. Jesus então lhes disse: ‘Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus’. Ouvindo isto, eles ficaram assombrados e, deixando Jesus, foram embora.”<sup>15</sup>

“De madrugada, Jesus voltou de novo ao Templo. Todo o povo se reuniu em volta dele. Sentando-se, começou a ensiná-los. Entretanto os Mestres da Lei e os Fariseus trouxeram uma mulher surpreendida em adultério. Colocando-a no meio deles, disseram a Jesus: ‘Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante adultério. Moisés, na Lei, mandou apedrejar tais mulheres. Que dizes tu?’ Perguntavam isso para experimentar Jesus e para terem motivo de o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, começou a escrever com o dedo no chão. Como persistissem em interrogá-lo, Jesus ergueu-se e »

<sup>13</sup> Cf. Jo 4,7-30.

<sup>14</sup> Lc 19,1-18.

<sup>15</sup> Mt 22,15-22.

» disse: ‘Quem dentre vós não tiver pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra!’ E tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. E eles, ouvindo o que Jesus falou, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos.”<sup>16</sup> A armadilha foi desfeita, e é um desafio à sua hipocrisia.

A palavra do Mestre é tão rica de fascínio, e é tão difícil não levá-la a sério, que não apenas conquista, mas até imobiliza as pessoas: “Os guardas voltaram para os Sumos Sacerdotes e os Fariseus, e estes lhe perguntaram: ‘Por que não o trouxestes?’ Os guardas responderam: ‘Ninguém jamais falou como este homem!’”<sup>17</sup>

### O BOM PASTOR

Mas uma outra característica O distingue. Esses poderosos, capazes de sondar nossa psique, os que nos falam do alto de suas cátedras, é tão difícil que sejam bons! Ele, ao invés... “Pegou uma criança, colocou-a no meio deles e abraçou-a.”<sup>18</sup> Ou ainda: “Jesus dirigiu-se a uma cidade chamada Naim. Com ele iam seus discípulos e uma grande multidão. Quando chegou à porta da cidade, eis que levavam um defunto, filho único; e sua mãe era viúva. Grande multidão da cidade a acompanhava. Ao vê-la, o Senhor sentiu compaixão para com ela e lhe disse: ‘Não chores!’ Aproximou-se, tocou o caixão, e os que o carregavam pararam. Então, Jesus disse: ‘Jovem, eu te ordeno, levanta-te!’ O que estava morto sentou-se e começou a falar. E Jesus o entregou à sua mãe”.<sup>19</sup>

A experiência da bondade é o encontro com uma atitude que valorize o que somos, que nos dê esperança em relação ao que seremos; é “a paz na terra”, porque Deus é bom.

E Deus é bom porque nos salva. A redenção é anúncio de positividade na vida.

Diante daquelas pessoas que o veem tão poderoso e tão superior, Ele se debruça sobre a flor do campo e descreve as suas vestes, fala do sol e da chuva sempre com bondade e delicadeza. Não: “Que raiva, hoje está chovendo...”, ou então: “Como este sol incomoda...” A atenção que dirige ao homem é cheia de infinita compreensão, de cordialidade sem reservas. “Até mesmo todos os teus cabelos estão contados.”<sup>20</sup>

Ele sente compaixão pela dor; não consegue nem comer, se antes não curou os doentes. Chora sobre Lázaro e soluça sobre a cidade.

E era humano, não apenas por estar tão debruçado sobre a natureza, sobre as coisas, mesmo as menores, do homem, por sua cordialidade: mas porque sabia participar da alegria humana. É significativa a valorização que Ele faz do comer juntos. O gesto maior da sua religião é identificado com um jantar. Muitas comparações a propósito do reino são tiradas da ceia e a glória final é descrita como estar à mesa com Abraão, Isaac e Jacó.<sup>21</sup>

### QUEM É ESTE?

É por demais natural que as pessoas que O seguiam, e particularmente aqueles que O seguiam continuamente, diante do emergir de uma personalidade do gênero, a certa altura se tenham colocado a pergunta: “Mas quem é este?” »

<sup>16</sup> Jo 8,2-9.

<sup>17</sup> Jo 7,45-46.

<sup>18</sup> Cf. Mc 9,36; 10,16.

<sup>19</sup> Lc 7,11-15.

<sup>20</sup> Mt 10,30.

<sup>21</sup> Cf. K. Adam, “A fisionomia moral e espiritual de Cristo”. In: Idem, *Jesus Cristo*, São Paulo: Quadrante, 1986, pp. 5-45.

» O homem douto e culto, que, portanto, abrevia o tempo e o espaço porque vive em pouco tempo uma vasta experiência, Nicodemos, reconhece logo que aquele homem não pode vir senão de Deus.

Mas não se comportam de outro modo aquelas pessoas rudes e incultas que O tinham seguido, abandonando tudo. Romano Guardini observa: “Estes se achegam a ele, ouvem-no, voltam outras vezes e acabam tendo a impressão de que se trata de uma personalidade sem comparação. Esta impressão transforma-se, pouco a pouco, em convicção. Jesus é um ser superior a qualquer outro...”<sup>22</sup>

Há n’Ele algo inexplicável, há um algo mais indefinível.

A convivência com Cristo tinha gerado uma evidência, a evidência de que era muito natural e muito justo ter confiança naquele homem. Ir contra aquela evidência teria sido ir contra si mesmos.

Não podiam, pois, deixar de acreditar naquele homem só porque dizia uma palavra que não entendiam.

“Exatamente para sermos coerentes com aquilo que vimos, para sermos coerentes com nós mesmos, devemos aceitar também aquilo que não compreendemos, e que Tu dizes. Somente em Ti está o significado de nós mesmos”: assim nós poderíamos traduzir a razoabilidade da atitude de Pedro no fato descrito no sexto capítulo de São João.<sup>23</sup>

Qual é a diferença entre as pessoas exaltadas de alguns dias antes e esse pequeno grupo de fiéis, também entusiasmados, em outro sentido? As pessoas O procuravam segundo a sua própria medida, e, por isso, quando Ele começou a dizer por qual motivo tinha vindo – motivo que excedia as expectativas comuns – as pessoas O abandonaram: estavam mais apegadas às próprias limitações do que à verdade.

Mas o grupo dos fiéis não vai embora, mesmo não entendendo, e à pergunta: “Quem és Tu?” – à qual Ele responde misteriosamente: “Eu e o Pai somos um” –, eles aceitam mesmo sem compreender.

Eles compreenderão somente no Pentecostes, quando uma genialidade sobrenatural lhes será doada. Como já observamos, poucas horas antes que Ele subisse ao céu, perguntaram-Lhe: “Senhor, é agora que vais restaurar o Reino em Israel?”

Entendem muito pouco, mesmo depois da morte e ressurreição. Mas retêm consigo aquela misteriosa resposta, porque “Ele a disse”.

## O ENCONTRO – HOJE

A atitude humaníssima dos primeiros fiéis é a inevitável atitude de partida ainda hoje.

Cristo está caminhando com os Apóstolos e passa perto de uma rocha a prumo, à beira da estrada: “Quem dizem os homens que eu sou?”; “E vós, quem dizeis que eu sou?” “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.” Pedro pronunciava palavras sem compreender-lhes o verdadeiro e profundo significado. “Feliz és tu, porque não foi a tua inteligência que te sugeriu isso, e sim Deus. Tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja.”<sup>24</sup>

Ainda hoje, o Cristianismo é construído sobre uma resposta deste tipo: “Quem dizem os homens que eu sou?... Os livros, os professores, os diretores de cinema, os publicitários, os chefes de partido, seu pai, sua mãe, os seus amigos quem dizem que eu sou?” “O primeiro socialista, o primeiro comunista, o primeiro liberal, o maior gênio religioso, um visionário, um feiticeiro, um desconhecido cujo nome se tornou famoso...” “E vós, quem dizeis que eu sou?” »

<sup>22</sup> Cf. R. Guardini, *La realtà della Chiesa*, Morcelliana, Brescia 1973, pp. 157ss.

<sup>23</sup> Cf. Jo 6,67-69.

<sup>24</sup> Cf. Mt 16,13ss.

» “E vós, quem dizeis que eu sou?” A nossa fé adulta, pessoal, começa como resposta pessoal a esta pergunta.

Enquanto existir o mundo, uma voz de homem enfrentará as consciências dos outros homens para ecoar a pergunta, que é uma proposta: “E tu, quem dizes que eu sou?” E a resposta “Tu és Deus” nascerá em todos os tempos da mesma atitude e das mesmas razões de Pedro.

É extremamente importante salientar como esse diálogo fundamental, essa opção decisiva que ocorre no diálogo, tem dois componentes.

Primeiramente, o fato de um encontro – o encontro com a realidade de Cristo – ocasião *inevitável*, acontecimento ineliminável na vida do homem a quem ocorre.

Em segundo lugar, a atenção àquele fato, o “topar” aquele encontro, o empenho com ele. E isto não é inevitável, é *livre*.

## EMPENHO

Mas o que significa empenhar-se em um encontro da existência, senão apostar nele as energias da própria sensibilidade e da própria consciência, isto é, apostar nele a própria humanidade?

Portanto, a descoberta de Cristo como realidade decisiva, à qual aderir com todo o próprio universo, nasce como consequência de uma *convivência*.

Portanto – ainda – quanto mais alguém sente a própria humanidade, leva a sério suas próprias experiências, vive intensamente a sua existência, tanto mais aquela convivência com a realidade histórica de Cristo será reveladora do valor do encontro feito.

Cristo se propõe com uma pergunta, mas a nossa resposta coincide com o reconhecê-Lo como única resposta possível ao nosso caminho humano. O empenho nesse caminho é também condição para poder acolher e compreender a oferta do encontro com Cristo. Quanto mais o homem é simples, tanto mais vive – talvez sem se dar conta – esse empenho: assim foram os apóstolos e os primeiros discípulos.

Para o homem a realidade é obscura, e seus olhos buscam a luz que lhe dê o sentido. A voz de um homem, na história, nos alcança: “Eu o sou” – “*Qui sequitur me non ambulat in tenebris*” [“Quem me segue não andarás nas trevas”].<sup>25</sup> Sobre o oceano da história emerge subitamente uma Palavra, que se derrama sobre todas as coisas, e a tudo dá forma e coerência: “Amanhece o dia, e a estrela da manhã surge no vosso coração”.<sup>26</sup> Porém, somente dando ouvido, escancarando-me ao mundo e àquela luz, somente tornando-me sensível ao mundo e disponível à luz, eu poderei compreender que tal Luz é *verdadeira*.

O ecoar da proposta daquele Homem e a sua verificação são a grande aventura da vida humana. A grande aventura, que faz da vida e da história um caminho cheio de sentido, ao invés de uma dissolução de instantes; a grande aventura que liberta do sentimento de inutilidade e constrói sobre a força da esperança.

Há um trecho do Evangelho que reproduz de maneira magnífica o drama desse diálogo entre a consciência do homem e a presença de Cristo. “Quando chegaram perto do povoado para onde iam, Jesus fez de conta que ia mais adiante. Eles, porém, insistiram com Jesus dizendo: ‘Fica conosco, já é tarde e a noite vem chegando’. Jesus entrou para ficar com eles. Quando se sentou à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e lhes distribuía. Nisso os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram Jesus. Ele, porém, desapareceu da frente deles. Então um disse ao outro: ‘Não estava ardendo o nosso coração quando »

<sup>25</sup> *Vulgata*, Jo 8,12.

<sup>26</sup> 2Pd 1,19.

» ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?”<sup>27</sup>

Aquele gesto vivido juntos, ou seja, o partir o pão, torna-se para eles como que uma hipótese luminosa que explica o caminho com aquele inesperado viandante; à luz daquele gesto “verificam” toda a experiência daquele encontro.

Só podemos fazer-nos uma pergunta agora: como é possível que não tivesse surgido antes, neles, aquela hipótese? O surgimento da hipótese é um *dom*, é *Graça*.

Lembramos que é possível enviar perguntas e testemunhos no site <http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>

---

<sup>27</sup> Lc 24,28-32.